

REVISTA DE ARTES E LETRAS

ORAÇÃO DE CIVISMO

(EXCERPTO)

AMO a minha terra com a fé com que ninguém a amou, e ninguém confia mais nos seus destinos do que eu, seu filho obscuro, mas até ao sacrificio devotado.

Fertil, dotada de todos os recursos, intelligente a população, inesgotavel o seu solo uberrimo, magnifico o seu clima, privilegiada a sua situação, que lhe falta, pergunto eu, para em breves dias occupar o lugar de destaque que lhe cabe na federação?

Urge apenas que trabalhemos todos unidos, coordenando os nossos esforços, idéas e pensamentos, no sentido de tornarmos realidade, no menor espaço de tempo, o nosso sonho do Brasil grande, forte, coheso, desempenhando no Mundo o papel que lhe compete no conceito das nações.*

HERCILIO LUZ.

CREAÇÃO

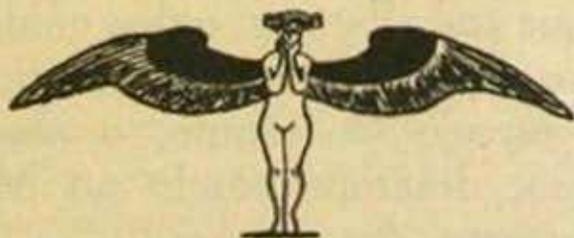
HA no amor um momento de grandeza,
Que é de inconsciencia e de extase bendito:
Os dois corpos são toda a Natureza,
As duas almas são todo o Infinito.

E' um mysterio de força e de surpresa!
Estala o coração da terra, afflicto;
Rasga-se em luz fecunda a esphera accesa,
E de todos os astros rompe um grito.

Deus transmite o seu halito aos amantes:
Cada beijo é a sancção dos Sete Dias,
E a Genese fulgura em cada abraço;

Porque, entre as duas boccas soluçantes,
Rola todo o Universo, em harmonias
E em glorificações, enchendo o espaço!

Olavo Bilac.



OS DIAS — (Camillo e o suicidio)

SE não fosse uma pontinha de frio, estaríamos em absoluta primavera. Dissemos o que dissemos as folhinhas e almanaques!

Até porque esse friozinho, em vez de caracterizar a estação actual, desmente-a, temperando a força dos raios de sol na offuscante luminosidade dos dias...

E que dias!

* * *

C. Castello Branco, sabem-no todos, suicidou-se. Um filho louco, estroina outro, a cegueira, a exaustação nervosa, a pobreza, e, sobretudo, penso eu, a quasi impossibilidade de literariamente produzir, levaram-no ao gesto de loucura ou desespero com que se aniquilou?

E' curioso observar na obra do copioso romancista, que idéas eram as suas acerca do suicidio.

No *Horas de Paz*, collectanea de artigos antes publicados em jornaes religiosos, ha um capitulo relativo ao assumpto, justamente intitulado *Suicidio*: são largas e severas pennadas philosophicas de condemnação ao crime de que mais tarde Camillo se faria criminoso.

Criminoso?... Sim. De accordo com o conteudo do citado escripto, onde não se acceta o suicidio como acto de loucura:

«Não chamem ao suicidio o resultado de uma demencia. O homem

que se mata é responsavel da sua morte: é arbitro daquelle ferro que empunha, daquelle braço que ergue, e daquelle sangue que derrama.»

O suicidio afigura-se-lhe *o epitaphio* de uma sociedade, *esvaída de coragem para lutar com a miseria e a desesperação.*

Encontram-se tambem — é exquisito — no correr da accusação camilliana, palavras de piedade e commiseração para os suicidios, talvez previã indulgencia á morte violenta que o seu mesmo braço lhe havia de dar.

E talvez já procurasse elle, condemnando o suicidio, num trabalho de auto-suggestão, dominar as tentações doentias de um cerebro super-excitado e fatigado pela producção literaria.

Encontro no *Livro de Consolação* umas allusões, curiosas por absolverem o suicidio neste blasphemar meio louco:

«... o desejo de morrer o debruçava sobre os despenhadeiros, implorando á sua desgraça a coragem do suicidio.

A coragem! Porque não hei de acostado a moralistas de grande tomo chamar-lhe antes cobardia?

E' porque ha mister enorme coraçã quem dentro d'elle se abre um tumulto. E' porque vai esforçada valentia nisto de um infeliz se aniquilar...»

OS DIAS — (Camillo e o suicídio)

Chocam-se dois escriptos do escriptor, um contra o outro?

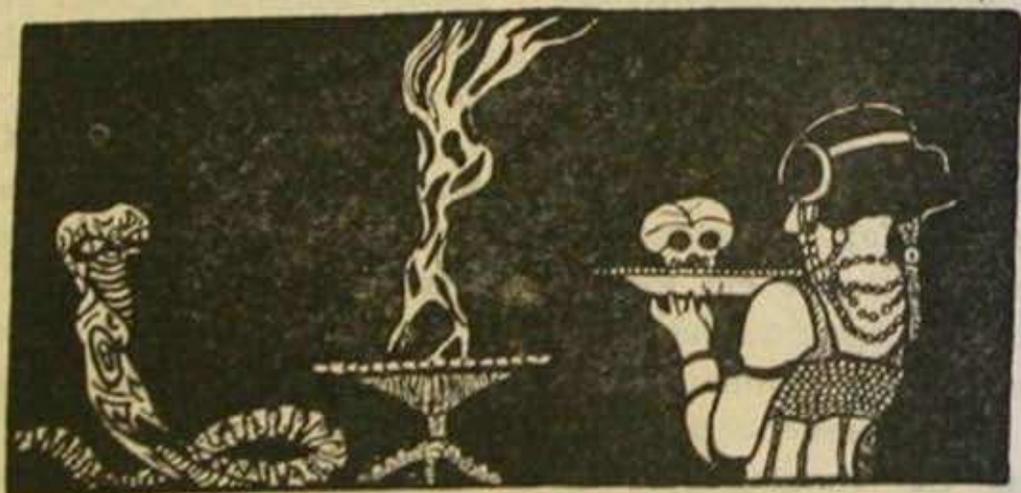
Ha dois modos de pensar inconsequentes se acareados? Duas opiniões incompatíveis? Dois estados de espirito? Duas épocas da vida?

Se me consultassem (tinha graça!), eu diagnosticava um desvio mental momentaneo, esse em que Camillo

chama ao suicidio coragem. Ahi houve deveras um minuto de desequilibrio.

Foi decerto num desses desalmados minutos, que o sentido artista do *Amor de Perdição*, fez a tragedia do seu aniquilamento!

B. Filho,



Cantigas ilhoas

I

*CANTIGA da minha vida,
Cantiga do coração!
Apenas por mim sentida,
Nas horas de solidão...
Cantiga da minha vida,
Divina consolação!*

II

*Coitada da entrevadinha,
Que no caminho encontrei!
Tão velha, tão pobrezinha,
Que até de pena eu chorei!
Coitada da entrevadinha,
Que só me disse: «Não sei!»*

III

*Morreu-lhe a mãe, coitadinho,
Na noite em que elle nasceu!
Ficou sozinho no Mundo,
E só — no Mundo cresceu!
Morreu-lhe a mãe, coitadinho,
No dia em que o pai morreu!*

IV

*No calix da madrugada,
Eu vi a rosa de Pan!
Tão linda, e toda orvalhada
Como uma deusa pagã...
No calix da madrugada,
Eu vi a flor da manhã!*

OTHON D'EÇA.

Perfil literario

(Pennadas de critica)

BARREIROS FILHO já se impôs aos seus contemporaneos como homem de caracter e artista de merito.

Shelley, em versos admiraveis que a condessa de Noailles trasladou a francês, fala da convivencia com homens superiores, assemelhando-a ao uso de certas flôres: estas, pômo-las ao peito e ellas, com o subtil do seu perfuræ, nos impregnam a roupa; aquelles se insinuam delicadamente no nosso espirito, saturando-o de lés a lés. Póde dizer-se isso de B. Filho. Quem já uma vez privou com elle ou apenas o conversou, jamais o esquecerá. O seu palestrar é suggestivo, movimentado, colorido e brilhante, e a phrase que exprime acção ou violencia, elle a não pronuncia sem a fazer seguir do agil e alado complemento de gesto expressivo e revelador. Serve-se de um vocabulario tão simples quão variado, e, ás vezes, quando quer lançar o termo tecnico, aparentemente esquipatico, elle o faz com timidez, invadido pelo receio de parecer escandaloso ou... não se ter feito entender á gagosa.

Como escriptor, B. Filho é um purista impeccavel, não no sentido estreito e *escolastico* do termo, mas numa accepção mais moderna, mais liberal, mais artistica, si assim nos fôr licito qualificá-la. Conhecendo

magistralmente a opulencia da lingua portuguesa e prestando-se de bom grado a defendê-la contra as *razzias* dos literatelhos francêsmente engallispados, busca escrever os seus sonoros e extraordinarios periodos numa prosa que, sem o rancido do seiscentismo, exclúi tambem a desnacionalização do vocabulario e da syntaxe, — o que equivale a dizer que o genio da lingua fica nos seus escriptos resguardado de todo contágio estrangeiro, apenas permittindo-se as irrecusaveis alterações decorrentes da fatal evolução a que se não podem furtar os idiomas.

Quanto ao estilo, basta-nos ler *Os dias* para vermos que admiravel pintor é elle, como a sua penna dispõe das mais variadas côres para delinear aquelles quadros cheios de luz e vida, e tão trabalhados que se diriam pacientes estudos de chromatica. O lavor dessas páginas deve ter sido um puro martyrio intellectual. Si B. Filho ha escripto tão pouco, elle que tão refinada sensibilidade tem para perceber, nas suas diversas modalidades, a belleza do mundo objectivo, não é sinão porque o trabalho artistico o excita e exhausta.

Na sua prosa não ha vocabulo que se possa cancellar sem que o conjunto da pintura se ressinta; todas as palavras têm côr e expressão emo-

Perfil literario

tiva. A sobriedade dos seus melhores trechos dir-se-ia ter sido bebida em *Par les champs et par les grèves*, e alguns delles estão como que saturados da exquisita finura e fremente nervosidade das *Lettres de mon moulin*.

Entretanto, o avassalador desejo de attingir a plenitude da expressão, de modo que a forma alcançada seja a unica realmente artistica, muita vez o tem sobreexcitado até o desânimo. E' um insatisfeito, como quase todos os lidimos artistas.

Dahi, pois, acharmos perfeitamente explicavel que, ao escrevermos as ultimas linhas, nos occorram estas palavras de Bourget acêrca de Gustavo Flaubert: «*Noble et fier défaut après tout, car il dérive du plus magnifique des tourments qu'il soit donné à l'homme d'éprouver : — le mal de la perfection.*»

1918.

Altino Flores.



NOCTURNO

(CANÇÃO DA MEIA-NOITE)

MEIA-NOITE bateu sinistramente...

Doze pancadas, tristes e sonoras,
estão echoando, dolorosamente,
na funebre canção das doze horas...

No deserto abandono d'esta rua,
vou pensativo e calmo caminhando...
E lá no alto a minha Irmã --- a Lua
baixa os seus olhos, para mim olhando.

E a Lua tem no seu olhar tristonho,
de Princeza Imperial e Destronada
a pallidez heraldica de um sonho,
numa Saudade branca e desmaiada...

Meu corpo vive, inconscientemente,
sentindo a acção sentimental do luar...
E na visão que passa, a nciosamente
vejo, a alma de Edgar Pöe, plainando, ao luar...

Meia noite... Minh' alma torturada
sente a Agonia monacal da Lua...
E uma arvore triste e desfolhada,
derrama a Sombra tragica na rua...

Corta o Silencio que na noite existe,
o Vento, que é traiçoeiro como o açoite...

NOCTURNO

*Canta agoural uma Coruja triste...
E o olhar de um gato pharolou na Noite...*

*Doze pancadas, tristes e sonoras,
estão echoando, dolorosamente,
na funebre canção das doze horas...*

Meia-Noite bateu sinistramente...

Rodrigo Octavio Filho.



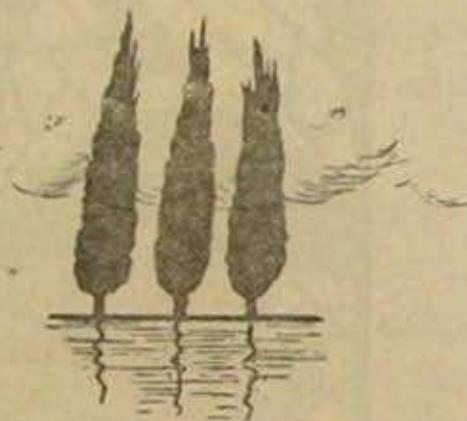
... a ilha das Vinhas, comprida e rendada: — montículos de pedras, uma nesga de praia. Ninguém a explica, ninguém póde comprehendel-a, ninguém percebe seu destino ocioso. Um sonho? Uma fatalidade? Um esquecimento? O que se vê é que enfeitada a bahia, tão garrida, tão fragil. Agora, tranquillo o mar, dir-se-á uma joia de lavor antigo, um mimo, um luxo exquisito e lindo. Mas, se venta o *sul* e as ondas crescem e espumam... — em que velha lenda ou conto não se pensa, vendo emergir das vagas o talhe franzino de uma princêsa, que

vae casar, o véu, as rendas, a grinalda de virginal brancura? ..

Meu namoro de rapaz, enlêvo da minha vista — quanta emoção te devo, ilha querida! Inebriada nessa illusão de tua lenda ou no ocio de tua inutilidade, és a imagem da minha saudade. Vivo, como tû, nesse doce sonho de não ser nada, de não querer nada, preocupando mais os outros do que a nós mesmos...

Princêsa, ilha joia — o que sejas — vivo de querer reter-te em meus olhos, imagem da minha saudade, sonho das minhas lagrimas!

(De uma pagina do *Diário* --- de Diniz Junior.)



BALLADA ROMANTICA

*A ballada romantica que esvoaça
Como um passaro em torno de um rosal,
E' que se canta a Formosura e a Graça
Na galante expressão do madrigal.
Seja a ballada o lyrio de Florença
Formado para o lyrico mistér
De desfolhar-se pela indifferença
Ou pelo amor de uns olhos de mulher.*

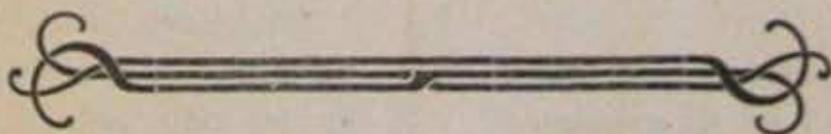
*Gravando a sangue um nome na coiroça,
Ou na lança, ou na viola, ou no punhal,
Sinto que fui um menestrel de raça
Ou um bravo cavalleiro de São Graal.
Petulante no orgulho, audaz na crença,
Atiro a luva para quem quizer
E dou meu sangue pela indifferença
Ou pelo amor de uns olhos de mulher.*

*Vencedor ou vencido, a gloria passa...
A gloria é sempre ephemera e banal.
Canto o amar, gloria eterna, eterna ameaça,
Fonte do bem melhor, que é sempre o mal.
Mas, ao fim do torneio, em recompensa,
Uma lagrima ou um beijo que eu tiver,
Dou a lagrima pela indifferença
Ou pelo amor de uns olhos de mulher.*

Offerenda :

*Ergo com o braço firme a minha taça :
Gloria á brancura dessas mãos sem jaça !
Gloria a quem tanto quero e não me quer !
Seja a minh'alma o lirio de Florença
A desfolhar-se pela indifferença
Ou pelo amor de uns olhos de mulher.*

Olegario Marianno.



Philosophia vagabunda

NAQUELLE dia, a afamada montra da celebre casa de joias era um verdadeiro thesouro a scintillar todas as luminosidades que os raios do sol punham nas pedrarias, verdadeiras crispações, um deslumbramento de ouro, brilhantes, rubis, saphyras... Um throno de velludo, faustoso, tentador, onde iam pousar todos os sonhos que a cubiça desperta, desde os do rico burguez ao da mulher mundana...

— E a terra a produzir ainda a desgraça dos homens! dizia um pobre, num assombro.

— E a desharmonia nos lares! affirmava um marido.

— E a ruina dos amantes! acrescentou um velho de monoculo, cans e o sorriso crasso com que a devassidão pinta esses homens, onde os cabellos brancos e os annos não vingaram ainda uns pruridos de vergonha.

A's vezes a mão emmagrecida do caixeiro, cabelluda e feia, penetrava ali, em meio d'aquella riqueza, para retirar uma caixa; agora, era uma de velludo, onde um bracelete recamado de brilhantes provocava admiração.

— Com certeza é para ella! diziam da rua. Está no galarim...

E todos sabiam, comprehendiam quem fosse «ella»...

Entre os que admiravam a riqueza exposta á cubiça humana, havia um vagabundo maltrapilho, que tinha um sorriso apagado nos labios e uns ares mysteriosos no olhar. Depois de ouvir calado todas as exclamações disse, como si estivesse falando a todos:

— Todo mundo aqui deseja possuir uma joia para satisfazer um capricho... Como são diferentes os pensamentos!... Eu, si apanhasse mesmo roubando, um anel daquelles...

— O que fazias? perguntou alguém.

— Vendia-o por qualquer vintem...

— Então és um ladrão?

— Que tem fome como Jean Valjean também teve. Porque vocês que olham admirados para tudo isso têm a mesa farta...

— E a consciencia? maroto. E a virtude? canalha. Onde ficam?

— Pódem ficar com vocês, porque a consciencia e a virtude são os mais encarniçados inimigos da fome...

Mal havia acabado a sua estirada philosophica, toda ella concebida no estomago, era o vagabundo



AS
COMPLICADAS



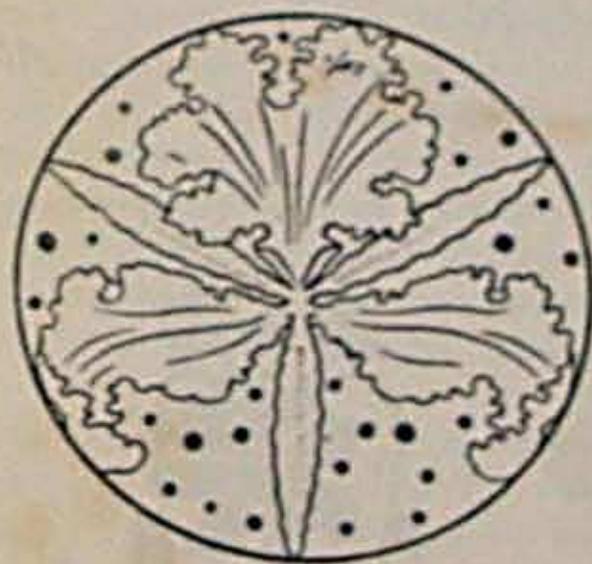
Philosophia vagabunda

seguro pelo *policeman* à paisana que rondava, ouvia e procurava no meio dos espectadores um ladrão...

E foi preso o vagabundo—o mais sincero e, talvez, quem sabe! o mais honrado de todos aquelles em cujo

coração o ouro e os brilhantes só tinham despertado a cubiça, o orgulho e a immoralidade...

Oswaldo Mello.



O' tu, que vens de longe — ò tu, que vens cançada,
 Entra, e sob este tecto has de encontrar carinho :
 Eu nunca fui amado, e vivo tão sòzinho,
 Vives sòzinho sempre, e nunca foste amada !

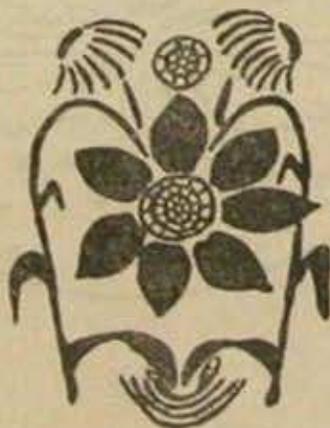
A neve anda a branquear lividamente a estrada,
 E a minha alcôva tem a tepidez dum ninho...
 Entra, ao menos até que as curvas do caminho
 Banhem-se no esplendor nascente da alvorada !

E amanhã, quando a luz do sol doirar, radiosa,
 Essa estrada sem fim, dezerta, imensa e nua,
 Podes partir de novo, ó nômade formosa !

Já não serei tão só, nem irás tão sósinha :
 Ha de ficar commigo uma saudade tua !
 Has de levar contigo uma saudade minha !

Rio Grande do Sul — 1914.

Alcêu Wamosy.



Uma mulher sem importancia

A vida buliciosa, luminosa, por assim dizer, do *Palace-Mundial*, aquella mulher passou, no primeiro momento, quasi despercebida.

O grande hotel, muito chic, era um desses importantes, para a caravana de *snoobs*, aventureiros e enfermos de *spleen*, que andavam das cidades do prazer ás estações de moda e destas aos sanatorios onde, mais que as enfermidades do corpo, se curavam as da alma. A vida, ali, era facil e, poder-se-ia dizer, deleitosa, se não fosse que, á palavra, deixaram, ao empregal-as os mysticos em seus colloquios, um vago aroma de piedoso regalo, e seria profanada. Bailes de mascarar, comedorias, festas de caridade, de arte, de desportos e excursões... O melhor eram, incontestavelmente, as excursões. Aquelle lago azul, cercado de montanhas coroadas de picos nevados, por trás dos quaes o mundo parecia terminar; os montes repletos de outros refugios faustosos; os bosques de pinho; as cascatas de maravilha; a vizinha feitoria militar... Esta nos attrahia com a sua magnificencia de grande industria, com suas machinas preparadas para o manejo dos titães, com seus exercitos de homens.

Claro que, em semelhante vida, era impossivel reparassemos na nova companheira. O primeiro dia, relegaram-n'a a uma mesa, ao fundo do

refeitório, num lugar que ninguem queria. Entre os pennachos de plumas e as cataratas de perolas, é logico que *maitre-d'hotel* não vacilasse em attender áquella creatura insignificante. Todavia, no dia immediato, appareceu ella occupando a melhor mesa no *dining-room*, aquella que ficava junto á balaustrada onde os *cysnes* vinham a comer. A mutação que significava, no *psychologia* dos hoteis, uma regia propina, nos intrigou e fez fixar nella a attenção.

Discreta, sombria, esfumada voluntariamente, mas cheia de elegancia de *senhora*, que realçava a belleza grave e serena. Muito alva, loira sem os tons do cobre oxydado, olhos azues claros, limpidos e serenos, bocca vermelha... O adorno sem nada a destoar, antes de uma distincção perfeita, completava a figura. Tudo era simplicidade, sem exageros, mas tudo denunciava o *faiseur* parisiense. Vestes negras, de gaze, *tulle* e *crepon*; chapéus de ricas plumas, com frisos dourados; um fio de perolas grandes, semiocultas no decote do vestido; uma enorme saphira no dedo...

Vivia admiravelmente. Aposentos dos melhores do hotel, em que (entreviramol-o indiscretamente, ao passar, num momento de descuido) soube imprimir, com algumas tellas exóticas, photographias e bagatellas antigas, um cunho exclusivo, realçado

Uma mulher sem importancia

por flores admiraveis. Comia muito bem, sem a estrepitosa champanha, nem os pratos phantasticos; porém, com uma refeição delicada, escolhida, de pessoa *que sabe viver*. E possuia um automovel, um *laedaulet Renault*, que rodava, pequeno, obscuro e silencioso, pelas estradas.

Olhamos o registro dos viajantes. A condessa Hauer. Nada nos adelantava o nome e nossa curiosidade permaneceu no mesmo pé. Um dia, porém, Pilar Saldanha (hespanhola, alfim!) trouxe a nova sensacional.

— Já sei quem é a vizinha! Uma mulher casada, que tem um amante. Dei de hombros.

— Que te interessa a ti, mesmo que seja uma duzia?

— Uina duzia! — riu Pilar gostosamente. — Que mais queria ella!... Um, e velho, ainda por cima. Encontram-se á tarde num *restaurant*, ás margens do lago... E um cavalleiro muito *chic*, barba branca e monóculo.

A Walsky fez um gesto de desdém.

— Bah! Então já sabemos quem é: — uma mulher sem importancia!

*
• •

A guerra nos havia desterrado dos paraísos encantados, e, encerrados em Madrid, na pequena sala de Pilar, grato refugio que era como um recanto do mundo que passou,

evocavamos recordações. Uma noite, após a refeição e enquanto fumavamos uns cigarros de chá, liamos jornaes e revistas. Subitamente a Saldanha soltou uma exclamação de horror:

— Destruiram a fabrica militar!

Apezar de não ter nomeado o criminoso, todos advinharam quem fosse. Era a *nossa*, a dama dos passeios. Proseguiu a leitura.

— Não ficou pedra sobre pedra! Dois mil mortos!

Houve uma pausa e, improvisadamente, uma série de exclamações de surpresa, que se succediam atropeladamente, na bocca da Saldanha.

— Que atrocidade! Barbaridade! Que loucura! E dizer-se que foi uma mulher quem a praticou!... Aqui está.

Mostrou-nos os retratos e debaixo de uma breve duvida, soltamos em trio, a mesma palavra de espanto:

— Ella!

Effectivamente, ali estava photographada a discreta dama do *Palace-Mundial*, a elegante condessa Hauer. Era ella a espiã, a organisadora de tão horrivel catastrophe.

E com os olhos dilatados de assombro, contemplamos o retrato daquela boneca que se nos affigurara *uma mulher sem importancia...*

(Do hespanhol de *Antonio de Hoyos y Vinent*.)

SONETO

VOS teus olhos sem côr, sem côr de tão ethéreos.
Onde rebrilha a luz de incognitos planetas,
e pestanas febrils sinistramente pretas
tremem como dois véos sombrios e funereos,

findou-se tudo, tudo. Entre os restos cinéreos
do nosso amor, só fica este odor de violetas;
nos nossos corações, vazias ampulhetas,
tudo passou e jaz como em dois cemiterios.

A fallás successão das cousas me apavora.
Eu sou a idade, o tempo, o resto, o vulto humano
de mil chimeras vãs que desapareceram...

Ai! Nem podes saber a dor que me devora
de ser no teu olhar a sombra de um engano
e não poder remir as cousas que morreram!

VIRGILIO BRIGIDO FILHO.



A PROPOSITO DE LITERATURA E ESTHETICA

(EXCERPTO)

Para os espiritos novos de Santa Catharina

BAUNGARTEN, philosopho allemão do XVIII seculo, e justamente com elle todos os philosophos que lhe succederam, chamava esthetica á sciencia que estuda o bello, tanto o natural como o artificial. A esthetica é dividida em dois problemas — o do bello e o da arte. Entretanto, ha uma grande afinidade, muito estreita, do bello e do bem, circumstancia que muito impressionou a todos os philosophos, especialmente os gregos.

Para Platão e Socrates o bello não è sinão o bem e a arte confunde-se com a moral. Essa é uma doutrina sustentada pela philosophia allemã do passado seculo XIX. Herbert considerava a moral como uma parte da esthetica. Se não me engana a memoria, creio ter sido tambem o principio, o conceito de Hegel.

A noção do bello é variavel: podemos admirar-o e amal-o sem que o realizemos; póde a nossa imaginação «creal-o» sem que o demonstremos. Quanto á moral, o seu fim é o de transformar o sensacional em intelligivel e quanto á esthetica e á arte, dar ao intelligivel uma parte sensivel. Eis o pensamento de Janet.

Platão definiu o bello — o esplendor da verdade — *splendor veri*, e, segundo o conceito de Conti, philosopho italiano, e de Leibnitz e Pesch,

ambos allemães — o bello é a perfeição de um ser emquanto é admiravel. Kant define-o como «tudo quanto satisfaz o livre jogo de uma imaginação, sem estar em desaccordo com as leis do entendimento». *Mutatis mutandi*, o pensamento de Kant não é mais sinão a velha concepção: — O bello é a unidade na variedade — *in varietate unitas*. E de facto, a imaginação é a faculdade na variedade, o entendimento na unidade.

O bello, pois, é o que significa, o que exprime alguma cousa e o seu elemento essencial é a expressão da verdade.

O que demais bello possui a escultura é o que exprime a majestade divina em *Jupiter Olympico*, ou mesmo no *Moyisés*; a dôr em *Laocoonte*, e a dignidade e a graça em *Venus de Milo*. Na poesia é o que exprime a dôr e o animo inabalavel, exemplificado em *Prometheu*, a generosidade em *Cinna*, ou a paixão personificada em *Phedra* e *Othélo*.

Na musica será igualmente a mais grandiosa — a mais emotiva, a mais pathetica, quer seja Wagner, Schumann ou Chopin. Em summa — o bello é, segundo Geofroy, o invisivel manifestado pelo visive da idéa.

(Rio, 1919).

José Galhanone.

SALMOS DE LA VIDA Y LA MUERTE

LA Vida en sus días últimos, cuando se llega al límite, por un decreto íntimo de nuestra Voluntad, tiene horas proféticas; á su irradiación magnífica, se ven sus senderos como á una luz mágica de luceros, llenos de una calma sideral; en un vuelo retrospectivo, de visiones lúcidas; el vuelo último de las águilas en el Crepúsculo; ¡oh! dulce, oh, bella, oh, suave Calma Señorial!... Tu eres el Portico del Templo Inmaterial; del Templo de los Símbolos... ¡Oh, aurora de los límites del vago mundo Irreal... y de los cielos últimos... ¡Salud, Calma Triunfal!

Vargas Vila.



EVOCAÇÃO

AS torres amortalhada de Tristeza, os sinos desabrocham rosas sonoras no ar. Hatpas morrem nas mãos esguias dos archanjos louros da Magua e do Abandono...

Lampadas de argilla florescem com reflexos de alampadarios, aclarando imagens antigas nas cidades mortas...

Ao chorar dos psalterios, accendem-as as grisetas suspensas da Saudade para a oração das violetas infernaes á alma das ruinas, banhadas num adeus de Sol...

Esfumada nos Serros em longes de bruma, a Tarde dilue-se entre agnias de amarantnos e psalmos de luz. Tons fugitivos de Carrière suavizam o céo com parenthesis de tinta violecea como olheiras echymosicas de uns olhos tuberculosos... No mar ha reflexos de palhetas de Rops...

A Sombra desce velutando as Horas de magnolias pallidas e violinos tremulos.

Aves do Sol-Por, espalmam a nostalgia de uma terra distante sobre os campanarios, coroados de zaïmphs de asas e diademas de farrapos da alma azul do Silencio.

Ao fakirismo brumal do Outomno, sonham os jardins passos extin-

ctos, a avivar a Lembrança na memoria do velludo das ramagens... Enos rosaes as petalas moribundas caem como contas de beijos de um rosario d'alegria, que umas mãos desfiaram entre risos de noivado...

(... Mãos que se foram para o Esquecimento, postas em bençãam ás rosas solitarias dos rosaes...)

Baptisa a solidão o oleo triste entornado das caçoilas do Poente... Aguas somnambulas evocam remos de arminho das palmouras, sulcando de encilias a flor nevada dos lagos.

A Noite, céga das alturas, tacteia pelas estrellas...

Entreabrem-se as cortinas do plenilunio, enlividecendo de ondulações a nevoa mortal das piscinas...

Em pedaços de legenda, a alma exilada de Rodenbach medita diante da historia triste das ruinas e reza no enlevo de um verso, um psalmo de Gloria ás figuras heraldicas das balladas e dos vitraes...

... E á flux da memoria, sacudindo as cinzas das Torres, Bruges, doirada de Sinos, exurge das aguas, sob a eucharistia do luar, apothoosando com a alvura mortuaria dos cysnes o Silencio branco dos canaes...

Paula Freitas.

Saudade

(Para o Ary Tolentino)

I

AQUELLA casa que ameaça ruínas,
Cujo telhado cobre-se de limo,
Vi as primeiras rosas matutinas,
Dei-me uns seios o mais forte arrimo.

Parece que ainda sinto, entre as cortinas
Do meu berço de linho no alto cimo,
O aroma de alecrim, nas mãos divinas
De minha mãe para quem eu era um mimo.

Mas como todo ser, ao vir á vida,
Chora uma triste lagrima sentida,
Nessa casa chorei... Então, jamais...

Jamais esquecerei, na vida inteira,
A casa branca — a lagrima primeira,
A do rosario dos meus pobres ais!

II

Venho de vêr o plumoroso ninho
Onde nasci — a casa que ainda existe
N'aquella rua tão sombria e triste,
Que me parece um lugubre caminho.

Éil-a no fim da rua, num cantinho...
É a picareta, á qual nada resiste,
Irá bater-lhe, como lança em riste,
A's velhas portas de canella e pinho.

Ao recordar-me disso é que hoje venho
Pedir-vos, cheio do maior empenho,
Por uns olhos que ali me foram célicos

Que tenhaes um momento de piedade,
— Vós, operarios! — de quem tem saudade
Da antiga Rua dos Artigos Bellicos!...

1920

ARAUJO FIGUEREDO

A' MARGEM DO KORÃO

MAHOMET apanhou da mão virginal do archanjo Gabriel os mais fecundos e salutaes cachações, de que ha noticia em todos os tempos.

A isto, diz-se, attribuem os mahometanos a sciencia e inspiração, que surgiu a subitas do cerebro do propheta, desnudado antes de quaesquer atavios litterarios.

Os sabios de Europa, na faina de diluir os confeitos multicores que enfeitam o complexo do bolo da metaphysica oriental, descobriram impiedosamente que Mahomet devia a sua argucia e sabença, menos á bordoadada do anjo, que aos vinte e tantos annos de recolhimento passados á sombra e estudo dos textos de Moysés e da doutrina amantissima do Christo.

Como quer que seja, porém, Mahomet incontestavelmente foi o mais habil e intelligente thaumaturgo de quantos disseram revelações em plagas asiaticas.

Moysés, na exhaustiva jornada pelo deserto, houve de lutar com o animo acovardado de um povo inteiro, que se abastardara em varios seculos de um captiveiro ignominioso. Valeu-lhe, entretanto, o titulo de salvador para couraçá-lo contra a desconfiança e a ingratição daquella gente tão insatisfeita, que, embora entupida até as ventas de manná celestial, inda

arrotava saudades pelas panellas das viandas egypcias.

Mahomet não teve titulo nenhum de apresentação, para impôr as suas crenças. Agiu simplesmente armado de audacia, temperada por uma grande labia, e com ella vingou desfibrar a triumphante iconocracia, radicada em todos os espiritos, cultuada em todos os lares e protegida pela a tiva independencia caracteristica de todas as tribus da Arabia.

A' lassidão dos hebreus foi remedio, por vezes, a tremendissima pintura que lhes fez Moysés do aspecto de Jehovah, a par da descripção das delicias materiaes que os esperavam na Terra da Promissão.

E um monstruoso cacho de uvas e uns figos e romãs descommunais, trazidos de Chanaan, pelos espias de Moyses, ter-lhes-iam sido razão ponderosa para tentarem a conquista da nova terra, se os mensageiros não cahissem na tolice de dizer que tais frutos eram engolidos por buchos de gigantes desconformes.

Mas a independencia e altivez dos ismaelitas era de molde a se não conformar com tão ralos argumentos; e a mais descabellada ideia do conspecto de Allah seria insufficiente a quem estava seguro da virtude de seus deuses e acostumado a enfrentar as lutas da vida nomade.

Mahomet não tinha terra para prometter-lhes, nem os arabes, co-

A' MARGEM DO KORÃO

nhecedores de todos os oasis do deserto, jamais trocariam por nenhuns frutos conhecidos as quentes delicias provadas na polygamia de seus harens.

Foi mister ao propheta inventar promessas mais tentadoras, que lhes não mostrasse intenção de afastá-los do deserto e da vida errante, que amavam, e lhes satisfizesse conjuntamente a insaciavel sensualidade de seu temperamento.

Depois de uma série de tropeços e desventuras amargas provadas pelo apostolo, segundo narram copiosamente os doutores muçulmanos: perseguido que foi pelos coreishitas, escurraçado pelo mysoneismo popular, conseguiu alliar-se a judeos e chefes de Medina, donde sahiu a sovar os inimigos por conta de Allah e por sua propria.

Para propagar-se, a nova religião precisava de pecunia, como tudo neste mundo. O atilado thaumaturgo, que a este tempo já tinha de cabeça a maior parte dos rendilhados textos do korão, fez dependurar-se mais um da altura dos céos, e prescreveu a presa da guerra santa, da qual, politicamente, reservava a quinta parte a Allah, ao seu propheta, aos orphãos, aos pobres e aos viajantes. (Korão cap.: VII n. 42).

Nas guerras foi occasião de lhe perguntarem os vivos qual a recompensa dos mortos em defesa da religião. Melhor ensejo não haveria

Mohomet de repetir-lhes o sonho, que já revelára aos primeiros prolytos, da sua ascensão ao setimo céu, cavalgando o velocissimo jumento, chamado Elborak pelos doutores islamitas.

Depois de percorrer todas as espheras, diz o propheta, sendo cumprimentado em cada uma dellas, respectivamente, por Adão, João, José, Henoc, Aarão, Moysés e Abrahão, entrou de braço dado com Gabriel ao jardim das delicias, onde estava erguido, acolchoado de nuvens radiosas, o altissimo throno de Allah. Fallou-lhe Mafoma e recebeu ordem de orar, assim como seu povo, cinquenta vezes por dia.

Desceu o propheta ao céu de Moysés e contou-lhe a aventura.

O ex-chefe dos hebreus, veterano no mister de governar e escarmentado das agruras preteritas da theocracia israelita, aconselhou-o a pedir diminuição das preces, que o povo certamente não as cumpriria. Escalou novamente Mahomet ao jardim dos perfumes e conseguiu redução para quarenta.

Moysés achou parca a concessão e deu-lhe coragem a requerer de bocca preceitos espirituais menos extenuantes. Nova subida e nova diminuição para dez, seguida, ainda por insinuação de Moysés, de uma nova tentativa á paciencia de Allah, que, se a não tivera infinita, com certeza mandaria o propheta á fava, em vez de

A' MARGEM DO KORÃO

reduzir as rezas a cinco, com o que ficou satisfeitissimo o impetrante.

A ser verdade a visão do propheta, deve elle á prudencia de Moysés o não lhe desertarem os proseytos, estafados por cincoenta orações quotidianas.

Não foi, porém, relatada a parte mais captivante do alado passeio de Mafoma: a descripção do jardim das delicias.

Ao ouvirem a narração das donzellas, cujos labios, mais rubros que as romãs de Chanaan, esperavam o beijo dos guerreiros tombados á fé da religião, para o eterno connubio, aquecido ao calor dos perfumes das amphoras divinas, não houve beijo

sensual de muçulmano que não cahisse baboso e vencido aos liames do Korão, unico penetral possivel ás graças e gozo de visão tão tentadora.

E Mahomet venceu difinitivamente. O que não conseguiram as mais fallaciosas razões contra a iconolatria, nem conseguiria a mais horrifica descripção da ira tonitroante de um Jehovah, para domar a altivez daquelle povo livre e errante, conseguiu-o a imagem longinqua e luminosa daquelles corpos colleantes e radiosos de mulheres, que os fizeram atravessar desertos e conquistar povos, para maior ser a gloria de Allah e do seu propheta...

IVO D'AQUINO.



PAISAGEM

DE tarde. A' beira mar. Aureo rendão flammante
Orla o verde matiz das altas serranias.
Das nuvens, sob o azul damasco, as louçanias
Vão mudando, do occaso, o aspecto, a cada instante.

Vamos, a estrada è calma... Escuta as lithanias
Do crepusculo. — Não vês? No solo, á luz distante,
As nossas sombras juntas vão fugindo adeante
Como, depois de um sonho, as leves phantasias...

E a Noite sobre a terra estende o véo — nascendo
Cada estrella semelha um nenuphar abrindo —
Enorme, pouco a pouco, os vultos envolvendo...

Subito, ébria de Luz, a Lua vem surgindo,
Entre nuvens franjadas, brancas, parecendo
Uma reliquia de oiro, entre algodão fulgindo...

João Crespo.



SEMEGHANÇAS

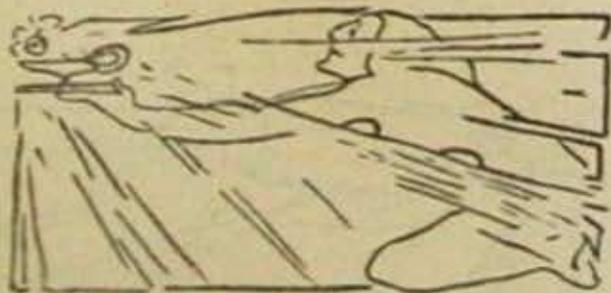
QUANDO o Menino vivia
Nesta vida escura e brava,
— «E' mesmo o pae!» quem o olhava
Era certo que dizia.

Depois, morreu. E sorria.
Ao pé, a mãe que chorava ;
E, quem os dois comparava :
— «Era á mãe a quem sahia ! . . .»

De onde veio esta mudança ?
—Do regaço onde descança
A sua alma.—E quem a tem ?

—A Luz, a Essencia divina :
Graça eterna e feminina,
Mãe dos astros, sua mãe !

Corrêa d' Oliveira.



A UM TRISTE

EIA ! Levanta-te e ergue a taça ! Bebe
pela gloria da vida ! Ama a alegria
que é saborosa como o vinho de Hebe
que, como o vinho de Hebe, é uma ambrosia !

Olha em redór e vê : de sébe em sébe,
passaros tão felizes, harmonia
até nas cousas vãs que o olhar percebe
dentro da cathedral de ouro, que é o Dia !

Eia ! Ao jubilo immenso, por Dyonisos !
Sensações novas ? Sorve-as, uma a uma,
no resplendor de novos paraísos.

Bebe ! Esquece a tristeza e a dôr esquece,
que ellas não valem, crê, a loura espuma
do môsto que te embriaga e te adormece !

Ildefonso Falcão.



O poema do espelho

O espelho, reflectindo a paisagem longinqua, ensolada e deserta, povoa de aspectos diversos a alegria triste do espirito que sonha...

Sua superficie serena e polida tem o prestigio magico dos filtros de Mellissinda...

A vida tem expressões de estatuas e de paineis, através dos espelhos, os grandes espelhos que reflectem o longe das paisagens e o sonho do rythmo de todas as cousas sobre a terra.

Céos maravilhosos, com a profundidade das aboboadas tauxiadas de esmeraldas, de rubis, de topazios, de perolas e de amethystas; céos de borascas, inconstantes nos seus coloridos, como as mutações atormentadas de um espirito que soffre; céos de crepusculos em que o colorido desmaia com expressões de fallecimento; céos de alvorada, em que a luz canta, á natureza e á vida, um poema de alegria — são mais expressivos através dos espelhos.

São mais expressivos e mais sonhadores o mar e as montanhas e as florestas...

São mais tentadores os horizontes; são mais emotivos os paineis em que

se transmutam, de momento a momento, as côres e os aspectos das alvoradas...

Os espelhos são, ainda, uma dolorosa evocação do interior perfumado das alcovas — os espelhos que reflectem, na serenidade luminosa de linhas estatuarias, esplendidas fórmulas femininas, que se amaram e que se desejam.

Não ha um só objecto que desperte á lembrança as tentações que trabalharam, em longas noites de vigílias, o espirito que se repousa, na leitura de algum grosso alfarrabio, para poder dormir.

Subito, na solidão das alcovas, em que o silencio impera como soberano oriental, o espelho se põe a reflectir, na fria serenidade da sua superficie, as fórmulas femininas que se amaram e que se amam sempre.

O espelho das alcovas — os grandes espelhos, que reflectem paisagens longinquas e céos profundos e horizontes tentadores — como o espirito de quem o habita, se habitua a reflectir, silenciosamente, as impressões dolorosas ou alegres da vida.

Humberto Gottuzzo.

